

E N S A I O S

LEITURA DAS LEITURAS: TEORIA E CRÍTICA, HOJE E NO ROMANTISMO

Emílio Carlos Roscoe Maciel*

RESUMO:

A partir de leituras d'Os Lusíadas no Romantismo e na contemporaneidade, o presente trabalho se propõe a discutir os impasses da recepção crítica de um texto clássico, tendo como foco a variação das estratégias canonizantes. Assim, considerando as possíveis continuidades e/ou discrepâncias entre os períodos em pauta, o que se busca, de início, é problematizar até que ponto poderia existir o objeto "texto"; ou do contrário, se este não seria senão o efeito das grades interpretativas que sobre ele se projetam.

PALAVRAS-CHAVE: *teoria, romantismo, recepção, leitura, Camões.*

Ao fixar o seu foco na recepção de Camões hoje e no romantismo, a presente pesquisa procura discutir os parâmetros através dos quais se estabelece o valor literário, não só a partir do exame de algumas estratégias de canonização como também da sondagem de prováveis incompatibilidades entre elas. Nesses termos, porém, uma vez que o propósito acima tenda a parecer a alguns amplo em excesso, há o risco de que não fique muito claro, logo de início, o motivo de se escolher *Os Lusíadas* como leitmotiv desse trabalho, ao invés por exemplo da obra de Shakespeare. E no entanto, considerando as claras discrepâncias entre a recepção crítica de um e de outro, talvez seja viável, sem mais, tentar esclarecer essa escolha a partir de uma breve mas decisiva comparação: afinal, apenas para colocar o dilema de modo sumário, quem quer que venha debruçar-se sobre as recepções das tragédias shakespearianas poderá notar, claramente, para além da esperável variação dos recortes avaliativos, a persistência não menos forte de determinadas tônicas e

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2002.

recorrências, conferindo um mínimo de organicidade à progressão das leituras ao longo da história. Tanto assim que, se durante o Iluminismo, por exemplo, a vigência de um cerrado paradigma classicista, em consonância direta com uma leitura algo estreita da poética de Aristóteles, tornaria possível a Voltaire recriminar no bardo o seu "barbarismo", atacando a forma pouco cerimoniosa como este misturava os registros trágico e cômico, no Romantismo, em contraste, essa mesma insubordinação para com regras ver-se-ia convertida em um declarado objeto de louvor, como que a atestar a originalidade e o gênio do autor em questão. Em ambos os momentos, contudo, ainda que o juízo axiológico conduza a desdobramentos pouco conciliáveis, a percepção que os embasa, geralmente, ao enfatizar um movimento de crise no arcabouço de uma velha codificação clássica, torna lícito falar na existência de um lastro a preservar-se. O que, de certa forma, a título de aproximação inicial, nos levaria a entender tais leituras sob um modelo de narrativa prismatizada, construída pela força do embate das diferentes interpretações de um mesmo fato.

No caso de Camões, porém, um movimento da mesma ordem do acima descrito conduzirá a conclusões radicalmente diversas, configurando um tipo de objeto muito mais escorregadio e problemático: como se, enfim, no percurso de formação da fortuna crítica, a heteronomia intrínseca à forma épica – que a faz normalmente refém de um certo tipo de comprometimento laudatório –, tornasse progressivamente mais áspero o esforço de apropriação canonizante, a partir da barreira de desconfiança que esse tipo de valor anacrônico tende a engendrar. Em conseqüência, na medida em que seja reconhecida essa estranheza, que tende a tornar menos fluidas as projeções de universalidade sobre a obra em questão, o quadro que se delineia com base nela aponta para um emperramento nos mecanismos comuns de consagração crítica, e, à primeira vista pelo menos, cria um abismo intransponível entre, de um lado, a valorização romântica de Camões – em geral apoiada sobre um preconceito nacionalista hoje obsoleto – e os artifícios pelos quais, de outro, de acordo com as profusas lentes contemporâneas, seria viável resguardar ao épico português a condição de clássico. Característica marcante de tais artifícios é a preocupação em dar realce a aspectos pouco frisados pelo Romantismo, procurando colocar em relevo, sobretudo, aquilo que haveria no épico de mais contestatório e dissonante. Mas para tanto, obviamente, deve-se tentar proceder a uma leitura mais ou menos seletiva, que

guardaria uma predileção natural por passagens por assim dizer mais "subversivas". A ponto de, tão grande é o atrito gerado pelas duas recepções, não ser propriamente descabido se, uma vez o texto reduzido a uma simples função das grades interpretativas, acabasse posta em questão a própria idéia ortodoxa de objetividade. Medida, por sinal, que viria diretamente ao encontro de certas inquietações meta-teóricas contemporâneas.

E é assim que, se preservado como pano de fundo a perplexidade que geram tais inquietações, o que pode vir a se seguir, a partir disso, tão logo acirrados os contrastes, tende a conferir nitidez ao que no texto haveria de permanência, fazendo com que a hipótese contrária seja lenta e cuidadosamente falseabilizada. Ou seja, através do contínuo deslocamento sobre as várias leituras, é como se fosse se firmando, aos poucos, o propósito de se medir até que ponto seria possível descolar texto e análise, ou então, se não seria aquele um mero subproduto da atuação desta. Ao mesmo tempo, ao se tentar jogar nova luz sobre o Romantismo, existe aí também, e em não menor grau, o desejo de um curto-circuito com o presente arquimediano de onde o período é visto; o que, como não poderia deixar de ser, nos mantém a uma distância sensível de certas profissões de fé historicistas, que considerariam a época em pauta como hermeticamente fechada sobre si mesma. Nesse movimento, entretanto, para se evitar o perigo de um anacronismo fácil, e também exorcizar o risco de alguma eventual queda mais voluntarista, optou-se pelo cuidado, heurísticamente, de fazer do período aqui em foco uma construção teórica de largas ressonâncias, de forma a instaurar um diálogo entre ele e o agora que o interpela. Motivo pelo qual, aliás, para dar a esse movimento mais densidade, entre os vários marcos teóricos da referida época, tenha-se preferido privilegiar a *Crítica da Faculdade do Juízo*, de Kant, lida, na presente perspectiva, como o principal legitimador de uma nova inflexão na idéia de estética, de ainda fortes repercussões sobre a nossa própria época.

Desse modo, tendo em mente aquela que seria a meu ver a conseqüência mais incisiva de tal pensamento – qual seja, a emergência da idéia de arte como algo que inventa para si suas próprias regras, simultaneamente ao ocaso das velhas poéticas normativas – o que se almejava, de início, era fazer com que, sempre, as leituras tanto de Garrett quanto de Schlegel fossem lidas à luz das perturbações criadas por tal transição, em vez de apenas entendidas cômoda e distanciadamente

"nos seus próprios termos". Frise-se, porém, que, a perturbar a fluência desse intercurso, há que se realçar, nesse mesmo hiato, a força do entendimento da arte enquanto representação do sujeito nacional, sob a forma de um contra-vetor, em larga medida, que teria aí um papel eminentemente substancializante, no sentido de submeter a estética a um novo regime de normatização. De sorte que, devidamente fixados esses dois extremos, o que viria a ocorrer, a partir disso, termina por desenhar o Romantismo sob a égide de um dissenso permanente e, em paralelo, relativizar um pouco o caráter excessivamente chapado de sua caracterização tradicional, que realçava o veio nacionalista em detrimento dos impulsos autonomizantes. Por outro lado, ao se conferir mais destaque a tais impulsos, pensando no que há de inesgotável na responsabilidade que decorre desse processo, não menos forte, também, é a tentativa de se proceder a uma interpelação crítica sobre o presente, tendo em vista a maneira como, nas tendências teóricas contemporâneas, esse legado kantiano ver-se-ia prolongado ou modificado – se é que não, por vezes, quase traído.

Nesse ponto, entretanto, dada a atordoante diversidade dessas tendências, não parece viável proceder à construção de um esboço de episteme, sob pena de que se incorra em generalização temerária. E não sem motivo: pois se nos casos de Schlegel e Garrett, não se tratava senão de atritá-los com os impasses gerados pela estética de Kant, nesse segundo momento, ao contrário, torna-se necessário primeiro examinar as costuras de cada regime crítico, para só depois formular as perguntas cabíveis. Logo, em que pese a inevitável discrepância entre as metodologias, nada a espantar se, na medida em que progridam as leituras, seja defensável destacar, no fim das contas, como maior ponto de união entre críticos como Alfredo Bosi e Jacinto Prado Coelho, a presença daquilo que se denominou de "canonização por via negativa". Isto é, de um raciocínio no qual, grosso modo, a pleiteada universalidade de Camões seria dada em função de sua sintonia ideológica com uma determinada "doxa", voltada para a valorização dos elementos contestatórios contidos no clássico. Cabendo porém a advertência: para levar a cabo essa tarefa, é imperioso que cada crítico proceda a uma montagem algo tendenciosa de fragmentos, com a ênfase recaindo, justamente, sobre aquelas passagens capazes de endossar a sintonia já referida. Mas, como não terá escapado ao leitor atento, à proficiência dessa operação não será alheio o recurso a um tipo de logro sinedôquico, que concorre para fazer da parte a síntese

da totalidade que esta constitui. Esse logro, por sua vez, em que pesem diferenças como as verificadas na leitura de Alcir Pécora, pode bem ser visto, em grande parte, como natural decorrência da dinâmica argumentativa da crítica contemporânea, com seu vezo a fundar autoridade sobre o poder de imersão em minúcias textuais. Apelidado por mim de "disciplina do detalhe", é esse vezo, aliás, o responsável por criar uma zona de contato entre as três leituras recentes, ainda que dirigindo-as para algo que talvez nenhuma dessas pudesse prever: pois, salvo engano, pelo menos nos desenhos argumentativos aqui considerados, o que parece ocorrer, em cada caso específico, adquire antes a qualidade de uma peripécia interpretativa, em que a busca de uma asseveração de totalidade, através do arrolamento de detalhes que a confirmariam em cada uma das partes, acaba por ir se voltando imprevisivelmente contra si mesma, escancarando a violência hermenêutica que seria subjacente a esse rebatimento. Em resultado, tão logo constatada essa distância, a inclinação totalizante da premissa de leitura – voltada mais ou menos explicitamente para uma busca de harmonização entre os estratos da obra – seria com isso confrontada com a dissonância criada pelo seu efeito, e que passa sempre, em quase todas as leituras do nosso *corpus*, pela constatação da presença de vetores radicalmente heterogêneos, tornando cada vez mais remotas certas confortadoras miragens de organicidade.

Num sentido mais amplo, ainda, considerando as dificuldades geradas tanto pela recepção romântica quanto pela atual, talvez seja possível falar, no limite, na validade de daí se extrair uma conceituação mais heterodoxa do que seja um clássico, passando assim ao largo de sua velha acepção hegeliana, isto é, do mito de um texto capaz de se comunicar diretamente com cada uma das épocas. Longe portanto de estabelecer um trânsito imediato, essa nova conceituação, pelo contrário, estaria taticamente mais próxima da idéia de uma experiência negativa aos moldes de Gadamer, compreendendo uma torção na qual os esquemas conceituais de cada analista seriam diante do texto levados até o seu ponto de esgotamento, como uma escada que se descarta tão logo se acabe de nela subir. Dito de outro modo: se, face à idéia canônica tradicional, trata-se de pensar no clássico como uma universalidade omni-inclusiva, de vez que capaz de ajustar-se aos inúmeros paradigmas críticos das diferentes épocas, nesse outro viés, em contraste, o texto seria colocado numa atitude de resistência a suas recepções, firmando-se em relação a estas enquanto uma

opacidade inexpugnável. Com o detalhe de que, longe de desestimular os esforços para apreendê-lo, esse mesmo gradiente de opacidade não tenderia senão a alimentá-los até o limite da exaustão, ante a completa inexequibilidade de uma interpretação que se arrogue como definitiva.

Ora, uma vez devidamente afirmada essa opacidade, não se quer com isso dizer que, pelo fato de se mostrarem insuficientes por excelência, tais leituras devam ser por isso drasticamente niveladas, como se não fosse mais possível decidir a pertinência de cada uma delas. Porém, a menos que se queira contemporizar com esse relativismo, é preciso ter em vista, a essa altura, apenas para mostrar em que pontos esse processo nada tem de imprevisível ou arbitrário, no modo como hoje se institucionalizam as várias comunidades interpretativas – a saber: através de um tipo de diferenciação, muitas vezes, que concorre para imunizá-las a qualquer espécie de questionamento externo – algo que caminha no sentido de ratificar ainda mais essa dispersão, levando cada linha de pesquisa a um crescente fechamento monádico sobre suas premissas. Sem embargo, *pari passu* a essa incessante diasporização teórica, não deixa de ser interessante, visto o problema de outro ângulo, como, findo o trabalho aqui em pauta, a tentativa de jogar luz sobre esse impasse se configure sob a forma de um tipo muito peculiar de aporia, próxima ao que Foucault definiu com o nome de "crise de representabilidade", e na qual, via Gumbrecht, poder-se-ia inclusive identificar a nossa própria modernidade epistemológica. Ou seja, longe de perfazer um périplo particularista, é como se, paulatinamente, as dificuldades encontradas em cada uma das passagens acabassem por nos conduzir a um problema de proporções muito mais abrangentes, em torno do qual se inscreveria a possibilidade mesma de um ato de leitura, entendido como sempre permeado por algum tipo de lucidez auto-reflexiva. E nesse sentido, se para dar nitidez a essa proximidade, optou-se por tomar como base, inicialmente, uma possível caracterização da "crítica literária" enquanto "ciência humana" – isto é, enquanto disciplina marcada pelo estigma de uma incontornável finitude –, segue-se disso, como um vetor quase indissociável a esse regime específico, o imperativo de ter de se colocar permanentemente sob juízo, tendo em vista não só os limites do lugar de onde se fala como também as muitas implicações que disso decorreriam. O que, para dizer o mínimo, além de fazer mais difícil sua atuação, terá o mérito de banir de um só golpe

qualquer possível miragem de onisciência, dando lugar a uma situação na qual, no esforço de observar o seu suposto objeto, não seria mais dado ao sujeito o conforto de se furtar de observar-se, na exata medida em que a possibilidade mesma de um "insight" crítico passaria a ter como esteio um grau maior ou menor de embaçamento, implicitamente incrustado na variável grade conceitual de cada intérprete. E no entanto, para que disso se extraia a tensão pretendida, o reconhecimento desse ônus de parcialidade não pode mais redundar em acomodação acrítica, senão que, pela demanda de reflexividade aí latente, tornar ainda mais inadiável a vigilância epistemológica de cada leitor. Pouco importa se ao custo de auto-implosão. Aliás, que esse permanente "voltar-se sobre si mesmo" termine desalojando o sujeito de seu rol de certezas metodológicas não constituirá com certeza um dos piores desfechos para esse drama.

ABSTRACT:

Based both on romantic and contemporary readings of *Os Lusíadas*, the present work tries to discuss the deadlocks of the critical reception of a classic text, focusing on the variation of the canon's strategies. Hence, considering possible continuities and disruptions between the two periods, this paper seeks, initially, to question the existence of the object "text", asking if it wouldn't be, at certain point, a mere product of interpretive lenses used to approach it.

KEY WORDS: theory, romanticism, reception, reading, Camões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico e anti-clássico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica arte no Romantismo Alemão*. São Paulo, Iluminuras, 1993.
- _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BLUMENBERG, Hans. *Work on myth*. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- COSTA LIMA, Luís. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1988.
- _____. *Limites da voz: Montaigne, Schlegel*. São Paulo: Rocco, 1993.
- _____. *Limites da voz: Kafka*. São Paulo: Rocco, 1993.
- _____. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.
- _____. *Vida e mimesis*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. São Paulo: Edusp, 1996
- DE MAN, Paul. *Alegorias da leitura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *Blindness and insight*. New York: Oxford University Press, 1971.
- _____. *A resistência à teoria*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Limited inc*. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FISH, Stanley Fish. *Is there a text in this class?* Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GARRETT, Almeida. *Obras completas*. Lisboa: Caminho, 1979.
- GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo; Companhia das Letras, 1990.
- GREENBLATT, Stephen. *Shakespearean negotiations*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- HARTMAN, Geoffrey. *The unmediated vision*. New Haven: The Yale University Press, 1980.
- HILLIS MILLER, J. *A ética da leitura*. São Paulo: Imago, 1997
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1992.
- JOHNSON, Barbara. *The critical difference: essays in the contemporary rhetoric of reading*. Baltimore: John Hopkins University, 1980.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001.
- PRADO COELHO, Jacinto. *Camões e pessoa: poetas da utopia*. Lisboa: Editorial Caminho, 1974.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- REIS, Carlos. *Construção da leitura*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa I*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. *Tempo e narrativa II*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. *Tempo e narrativa III*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- SCHLEGEL, Friedrich. "Dois trechos de Friedrich Schlegel". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 de maio de 2000. Caderno "Mais".
- _____. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1991
- _____. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1993.